

EURÍPIDES, O MAIS TRÁGICO DOS POETAS (2)

Retrato tradicional do bárbaro em Eurípides

Foi determinante o recontro político e militar que no início do séc. V a.C. contrapôs a Hélade e o oriente, para evidenciar, com riqueza de pormenores, o contraste antes sobretudo latente mas sempre conflituoso entre Gregos e os grupos humanos estranhos à sua cultura. Cambiantes diversas fixaram a convenção a que este quadro de oposições obedeceu. Foi, antes de mais, a língua a marcar a diferença e a distância; no critério helénico, o Bárbaro, ao mesmo tempo que articula sons que obedecem a uma cadeia incompreensível, realiza um processo mental que o distingue do Grego. Ao pensamento e respectiva expressão, seguem-se práticas e costumes distintos, que, na avaliação grega do 'outro', primam pela incivilidade ou selvajaria, que acarretam perigo e a incompatibilidade do convívio. Desconhecedor de regras como justiça, prudência, equilíbrio e hospitalidade, que constituíram desde sempre bases fundamentais na construção de um espírito europeu, o Bárbaro actua de uma forma grotesca, reservando a quem aporta ao seu território ou dele se aproxima animosidade, escravatura ou morte. São-lhe ainda naturais o despotismo no exercício do poder, como o exagero e o exibicionismo da riqueza e do luxo. A visão tradicional aponta, portanto, no sentido da radicalização de uma dicotomia, onde o Grego/Europeu representa o lado evoluído da humanidade, que já fez um progresso no sentido de um convívio cooperante e de uma organização cívica eficaz, em contraste com comunidades primitivas, situadas extra-fronteiras, que continuam condicionadas por comportamentos de natureza primária, próximos do bestial, onde apenas a necessidade de sobrevivência e a violência fazem lei.

Esta consciência da presença do 'outro' para além dos limites do mundo grego foi porém sofrendo sucessivos retoques, à medida que os vários movimentos da história fomentaram o encontro e o conhecimento mútuo. Tornou-se então possível hierarquizar o desconhecido, distinguir povos e catalogá-los; depois conhecer-lhes os hábitos e poder, por um confronto permanente com os comportamentos gregos, determinar, com precisão cada vez maior, os termos da diferença. Pouco a pouco o 'outro' deixou de ser o monstro lendário para se tornar no padrão de uma espécie humana diversificada, repartida em comunidades múltiplas, diferentes entre si e distintas também, sobretudo nas

práticas essenciais do quotidiano, do universo helénico. Eurípides é, desta experiência, um testemunho fundamental. Na produção que dele conservamos podemos encontrar evidência para todas as cambiantes que a questão comportava e que animaram o debate entre os intelectuais contemporâneos do poeta.

Em muitas das tragédias, a avaliação do bárbaro exprime-se pela recorrência de traços convencionais: a caracterização das diversas comunidades não gregas em termos de espaço e seus habitantes; a concretização da diferença através de um conjunto de práticas consideradas relevantes para uma distinção entre a mentalidade grega e não grega; a utilização mais realista ou mais romanesca do tema do confronto e competição entre os dois hemisférios civilizacionais em que o mundo se divide; por fim, se a noção tradicional de uma hierarquia que assegura o ascendente do Heleno sobre o estrangeiro continua a vigorar em Eurípides, como expressão de um sentimento socialmente generalizado, não deixa o poeta de relativizar, numa época que é de crítica permanente a todos os valores tradicionais, o ascendente convencional, sugerindo, como outras vezes da época, que diferença não implica necessariamente vantagem ou desprimor, ou mesmo subvertendo os planos da dicotomia corrente.

Várias são as perspectivas em que podemos distribuir os aspectos essenciais da questão na tragédia euripídiana. No *Ciclope*, está presente em termos satíricos a velha leitura mítica do herói de Ítaca em luta contra os monstros de um só olho, que habitam o ambiente estranho de uma ilha inóspita. É Ulisses, o eterno aventureiro, quem se informa em viva esticomítia com um Sileno prisioneiro do Ciclope Polífemo sobre o mundo a que o destino o fez aportar; define assim, com as perguntas que coloca, os traços convencionais no esboço do mundo bárbaro e no esquema de aventuras que proporciona a um Heleno: o desconhecimento e a evidente inacessibilidade do espaço, onde é patente a ausência de um plano urbano ou arquitectónico; a escassez e estranheza dos habitantes; a diferente organização social e política; os costumes novos em aspectos diversos, desde logo no que se refere aos hábitos alimentares; o desconhecimento de festas ou danças que exprimem um convívio e uma orgânica social colectiva; a animosidade e selvajaria habituais no contacto com estranhos; e ainda a substituição de uma actividade pacífica como a agricultura pela predilecção pela caça.

Ciclope 113-128

Ὀδυσσεύς – Τίς δ' ἦδε χώρα καὶ τίνες ναίουσί νιν;
 Σιληνός – Αἰτναιοῦ ὄχθος Σικελίας ὑπέρτατος.
 Ὀδυσσεύς – Τείχη δὲ που= ἴστι καὶ πόλεως πυργώματα;
 Σιληνός – Οὐκ ἔστ' ἔρημοι πρω=νεβ ἀνθρώπων, ξένε.
 Ὀδυσσεύς – Τίνες δ' ἔχουσι γαι=να; ἢ θηρω=ν γένος;
 Σιληνός – Κύκλωπεβ, ἄντρ' ἔχοντεβ, οὐ στέγαβ δόμων.
 Ὀδυσσεύς – Τίνος κλύοντεβ; ἢ δεδήμευται κράτος;
 Σιληνός – Νομάδεβ ἀκούει δ' οὐδὲν οὐδεῖβ οὐδενός.
 Ὀδυσσεύς – Σπείρουσι δ' - ἢ τω= ζω=σι; - Δήμετροβ στάχυν;
 Σιληνός – Γάλακτι καὶ τυροῖ=σι καὶ μήλων βορα=.
 Ὀδυσσεύς – Βρομίου δὲ πω=μ' ἔχουσιν, ἀμπέλου ῥοάβ;
 Σιληνός – Ἕκιστα. Τοιγὰρ ἄχορον οἰκου=σι χθόνα.
 Ὀδυσσεύς – Φιλόξενοι δὲ χῶσιοι περὶ ξένους;
 Σιληνός – Γλυκύτατά φασι τὰ κρέα τοῦβ ξένουβ φορεῖ=ν.
 Ὀδυσσεύς – Τί φήβ; Βορα= χαίρουσιν ἀνθρωποκτόνω;
 Σιληνός – Οὐδεῖβ μολῶν δευ=ρ' ὅστιβ οὐ κατεσφάγη.

Ulisses – Que terra é esta? Que gentes a habitam?

Sileno – É o Etna, o mais alto dos picos da Sicília.

Ulisses – E onde estão as muralhas, a cintura protectora da cidade?

Sileno – Não existem. Trata-se de alturas isoladas, sem gente, estrangeiro.

Ulisses – Quem ocupa este território? Só feras, não?

Sileno – Os Ciclopes, que, por habitação, usam cavernas.

Ulisses – E quem os comanda? Vivem sob um regime democrático?

Sileno – São nómadas. Cá ninguém está sujeito às ordens de ninguém.

Ulisses – E como meio de subsistência, cultivam o grão de Deméter?

Sileno – É de leite, queijo e carne que se alimentam.

Ulisses – E o licor de Brómio, conhecem-no, o suco das vinhas?

Sileno – Nem pensar! Como também danças é coisa que não existe na terra deles.

Ulisses – São hospitaleiros e respeitadores dos estrangeiros?

Sileno – Sabes o que eles dizem? Que é um petisco a carne dos estrangeiros.

Ulisses – Que me dizes tu? Que eles gostam de carne humana?

Sileno – Ainda está por aparecer por aí o primeiro a quem não tenham chamado um figo.

Por seu lado, a peça que Eurípides dedicou a Helena decorre no Egipto, de que aos Gregos se impunha uma imagem de riqueza e de cultura superior. É através do Nilo, um *ex libris* do país que lhe deve a sobrevivência, que a heroína identifica o cenário (*Helena* 1-3) deixando patente, pela menção das cheias que fertilizam os campos, uma ideia de abundância e de prosperidade. A mesma riqueza ressalta da morada régia, que impressiona Teucro, de passagem pelo país dos faraós, pela majestade e opulência das suas proporções (68-70). A fama da sua grandeza permite ao navegante recém-chegado identificá-la espontaneamente. Nada denuncia, no caso do Egipto, qualquer sinal de ameaça ou de perigo. Pelo contrário, um pouco mais tarde, Menelau, também ele levado ao Egipto por acasos do destino e um pouco menos informado sobre o local que não reconhece, julga poder esperar de tão esplendorosa mansão um acolhimento generoso (428-433). Mas o ritmo aventureiro do episódio vivido por Menelau e Helena em terras longínquas requer a noção de perigo que a barbárie generosamente oferece. Passo a passo, o aparato egípcio vai-se denunciando como encobridor de ameaças, à primeira vista ocultas, mas progressivamente mais sensíveis. A agressividade de uma velha serva do palácio, que acode ao chamamento de Menelau, previne-o contra um perigo fatal que destrói as esperanças do rei náufrago (437-440). Em nome de uma aventura de ficção, com padrões bem determinados, o opulento país dos faraós vai-se tornando afinal em mais um reino de bárbaros.

Helena 1-3

Ἐλένη – Νείλου μὲν αἶδε καλλιπάρθενοι ῥοαί
 ὃς ἀντὶ δίαβ ψακάδος Αἰγύπτου πέδον
 λευκή=β τακείσηβ χιόνος ὑγραίνει γύαβ.

Helena – Estas são, do Nilo, as ondas de belas ninfas, que, pela estação em que se funde a alvura das neves, alagam, em vez das chuvas de Zeus, os campos do Egipto.

Helena 68-70

Τευ=κροβ – Τίβ τω=νδ' ἐρυμνω=ν ἔχει κράτοβ;
 Πρωτέωβ γάρ οἶκοβ ἄξιοβ προσεικάσαι,
 Βασίλειά τ' ἀμφιβλήματ' εὐθρυγικοί θ' ἔδραι.

Teucro – Quem será o senhor desta opulenta mansão? Mais parece o palácio de Proteu, tal é a majestade dos muros e a imponência da construção.

Helena 428-433

Μενέλαοβ – Μόνοβ δὲ νοστῶ=, τοι=β ἐκει= ζητῶ=ν φίλοιβ
τὰ πρόσφορ' ἦν πῶβ ἔξερευνήσαβ λάβω.
Ἴδῶν δὲ δω=μα περιφερὲβ θριγκοι=β τόδε
πύλαβ τε σεμνὰ ἀνδρὸβ ὀλβίου τινός,
προση=λθον. Ἐλπὶβ δ' ἐκ γε πλουσίωv δόμων
λαβει=ν τι ναύταιβ ἐκ δὲ μὴ ἐχόντων βίον –
οὐδ' εἰ θέλοιεν, ὠφελει=ν ἔχοιεν ἄν.

Menelau – É sozinho que me aventuro nestes lugares, disposto a bater este país à procura de tudo aquilo de que os meus companheiros, que ficaram lá atrás, têm premente necessidade. E ao ver este palácio cercado de muralhas, e este portal majestoso, sinal da opulência de quem cá vive, ousei aproximar-me. É que aos mareantes uma casa rica oferece ao menos a esperança de algum auxílio, enquanto gente sem recursos lhes não poderia valer, mesmo que quisesse.

Helena 437-440

Γραυ=β – Τίβ πρὸβ πύλαισιν; Οὐκ ἀπαλλάξῃ δόμων
καὶ μὴ πρὸβ αὐλείοισιν ἔστηκῶβ πύλαιβ
ὄχλον παρέξειβ δεσπότηιβ; ἢ κατθανη=ν
Ἑλληv πεφυκῶβ, οἷσιν οὐκ ἐπιστροφαί.

Velha – Quem é? Vamos, desanda deste palácio, não me fiques aí espedado à porta a aborrecer os senhores da casa! Se não ainda bates as botas, porque tens pinta de Grego, desses com quem nós não queremos nada.

M. F. S. S.